

Uma análise da cobertura do “choque de ordem” em diários cariocas¹

An analysis of the “clash of order” coverage in newspapers

Rafael Fortes²
Pablo Laignier³

RESUMO

Este trabalho analisa a cobertura do “choque de ordem” em dois jornais impressos tradicionais do Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil* e *O Dia*) durante os cem primeiros dias de governo do prefeito Eduardo Paes, que assumiu o cargo em janeiro de 2009. “Choque de ordem” é a denominação dada pela prefeitura do Rio de Janeiro – e incorporada pelos veículos em questão – à política pública de maior visibilidade posta em prática durante o primeiro ano da gestão. A discussão de tal política e de sua cobertura jornalística se impõe como relevante pelo impacto sobre parte da população trabalhadora da cidade e pelo papel dos jornais na construção e legitimação de modos de ser e de agir no espaço urbano. Como referências teóricas, o artigo dialoga com a noção de “criminalização” da pobreza, tal como aparece nas obras dos autores Zygmunt Bauman, Loïc Wacquant, Mike Davis e Marcelo Lopes de Souza.

Palavras-chave: jornalismo impresso, Rio de Janeiro, choque de ordem.

ABSTRACT

This paper examines the coverage of the “clash of order” in two traditional newspapers of Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil* and *O Dia*) during the first hundred days in office of Mayor Eduardo Paes, who took office in January 2009. “Clash of order” is the name given by Rio de Janeiro’s municipal government – and incorporated by those two newspapers – to the more visible public policy implemented during the first year of the administration. The discussion of that policy and its coverage is required by their relevant impact on part of the city’s working population and the role played by newspapers in constructing and legitimating ways of being and acting in the urban space. As theoretical references, the paper discusses the notion of “criminalization” of poverty as it appears in the works of such authors as Zygmunt Bauman, Loïc Wacquant, Mike Davis and Marcelo Lopes de Souza.

Key words: daily newspapers, Rio de Janeiro, clash of order.

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. Av. Pasteur, 458, sala 417, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: raffortes@hotmail.com

³ Universidade Estácio de Sá. Departamento de Comunicação e Artes, Curso de Comunicação Social. Estrada do Portela, 222, pisos 5, 6 e 7, 21351-900, Madureira, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: pablolaignier@gmail.com

Introdução: Sobre o “choque de ordem” como política pública e fenômeno discursivo

Nas sociedades que vivenciaram experiências autoritárias recentemente, como as do Brasil e da Argentina, a aplicação das penalidades neoliberais significa, na verdade, o restabelecimento da ditadura sobre os pobres (Wacquant, 2008, p. 100).

Em 1º de janeiro de 2009, Eduardo Paes assumiu o cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Do ponto de vista dos principais veículos de comunicação cariocas, a campanha eleitoral foi pautada pela discussão em torno do crescimento das favelas e da necessidade de “ordenamento” do espaço urbano por parte da prefeitura. Eduardo Paes (PMDB) elegeu-se prefeito numa acirrada disputa de segundo turno com Fernando Gabeira (PV).

Após a posse, entre as iniciativas anunciadas para várias áreas de governo – saúde, educação, transporte, etc. –, uma recebeu particular destaque na mídia: o “choque de ordem”. Este foi levado a cabo pela Secretaria Especial de Ordem Pública, criada especificamente para tal fim. Contudo, em momento algum a prefeitura definiu claramente o que entendia por “choque de ordem”, nem apresentou metas e objetivos precisos para este – muito menos estudos,

pesquisas, relatórios ou levantamentos que fornecessem subsídios para as operações e a escolha de locais, ramos de atividade econômica e agentes sociais para receber o “choque”. As ações se concentraram na área que denominamos *Zona Sul sociológica*, a qual compreende a Zona Sul geográfica e os bairros de Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, Centro, Tijuca, Vila Isabel e adjacências. Ela concentra boa parte das residências de classe média e alta da cidade, bem como a maioria dos equipamentos culturais e de lazer, atrações turísticas e prédios históricos. A infraestrutura de instituições e serviços públicos também é, proporcionalmente, muito superior (qualitativa e quantitativamente) àquela presente na Zona Oeste e nos demais bairros da Zona Norte – os quais, somados, compreendem a ampla maioria do território e da população do município. A *Zona Sul sociológica* compreende 8 das 33 regiões administrativas da cidade, agregando 34 dos 159 bairros. A proporção em relação ao total pode ser observada na Tabela 1.

Mas o dado crucial diz respeito a renda e propriedade. Não encontramos números estratificados, por região administrativa, relativos à apropriação do total de renda produzido no município. Mas duas tabelas – com dados relativos a renda domiciliar⁴ e renda oriunda do trabalho⁵ – ajudam a demonstrar que estamos falando de regiões que abarcam boa parte das classes média e alta. Ou seja, trata-se de uma política pública que praticamente se restringe às áreas *nobres* da cidade.

Neste artigo, pesquisamos as capas de dois diários tradicionais do Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*⁶ e *O Dia*,

Tabela 1. Zona Sul sociológica e cidade: população e território.

Table 1. Sociological South Zone and city: population and territory.

	Zona Sul sociológica (A)	Total da cidade (B)	Percentual (A/B)
Área territorial em km² (2003)	274,02	1.224,56	22,4%
População (2000)	1.195.773	5.857.904	20,4%

Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instituto Pereira Passos (IPP) e Censo Demográfico 2000 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponibilizados na área Bairros Cariocas do sítio Armazém de Dados, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2010a).

⁴ Na tabela “Renda domiciliar per capita média do décimo mais rico”, todas as oito regiões administrativas em questão aparecem nos dez primeiros lugares. Eis as colocações: (1) Lagoa, (2) Barra da Tijuca, (3) Copacabana, (4) Botafogo, (5) Tijuca, (6) Vila Isabel, (8) Santa Theresa, (10) Centro (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2010b).

⁵ No que diz respeito ao rendimento médio oriundo do trabalho, os seis primeiros lugares são ocupados por RAs de nossa lista. Todas as oito têm valores acima da média da cidade (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2010c).

⁶ Um dos diários mais longevos do Rio e do Brasil, o JB circulou impresso pela última vez em 31/08/2010, mantendo-se atualmente em versão digital (*online*).

nos cem primeiros dias de governo de Eduardo Paes (01/01/2009 a 10/04/2009).⁷ O objetivo é identificar e analisar a maneira como estes veículos cobriram o “choque de ordem” implantado pelo prefeito recém-empossado.

Os jornais selecionados, juntamente com *O Globo*, são os três diários cariocas voltados para as classes média e alta. *O Globo*⁸ foi analisado por nós em trabalho anterior (Laignier e Fortes, 2010). Sendo assim, consideramos interessante observar como estes veículos cobrem uma política pública aplicada aos próprios bairros em que vivem, circulam e trabalham seus leitores. Soma-se a isto o fato de que o choque de ordem recebe apoio significativo entre as camadas médias. Afinal, a construção do tema durante a campanha eleitoral não é só uma imposição dos veículos jornalísticos, candidatos, partidos e *marqueteiros*; é, também, uma reivindicação de setores da sociedade carioca⁹. Por fim, ressaltamos que, naquele momento, *O Globo* e o *Jornal do Brasil* estavam entre os de maior prestígio no Rio de Janeiro, enquanto *O Dia* estava entre os de maior circulação na mesma localidade (juntamente com *O Globo*).

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. Lemos todos os exemplares mencionados, no todo, em busca de referências ao choque de ordem. Encontramos numerosas menções na primeira página (das quais muitas remetiam a reportagens de página inteira), reportagens, cartas de leitor, editoriais, textos, colunas opinativas e colunas de notas curtas.

Do ponto de vista teórico, trabalhamos com a noção sociológica de “criminalização da pobreza”, tal como aparece nos autores Wacquant (2008) e Bauman (2009), em obras recentes que indicam um movimento característico do processo de globalização em privatizar e desregular a economia em caráter mundial. Assim,

ainda que existam diferenças com relação às aplicações ou reflexos locais deste processo global, a “criminalização da pobreza” é característica do discurso midiático e governamental sob a nova ordem instituída a partir da pressão das forças globalizantes, capitaneada pelo capital financeiro internacional e por grandes conglomerados transnacionais ligados aos setores produtivo e de serviços (Bauman, 1998, 1999, 2001, 2005, 2009).

Não se trata de um discurso único e nem de uma fala que assumidamente culpabilize os pobres a todo momento de forma direta. Porém, a análise sociológica que o insere no contexto memorial dos fatos da cidade (a qual se manifesta em jornais diários) pode interpretar de forma mais abrangente determinados conteúdos simbólicos. A inserção da análise dos conteúdos dos jornais, quando articulada aos dados concretos que direcionam as manifestações do governo municipal, através da ideia genérica de um “choque de ordem” a criminalizar e excluir de modo sistemático pessoas de baixa renda e pertencentes às camadas que não estão diretamente ligadas à economia formal dos locais definidos como *Zona Sul sociológica*, aponta para uma ênfase elitista das políticas públicas que remete às análises de Bauman (2009) e Wacquant (2008) relativas aos contextos citadinos de grandes centros europeus e norte-americanos, respectivamente. Assim como remete também à análise de Davis (2006) a respeito das zonas de exclusão e pessoas excluídas no contexto da sociedade globalizada, e à visão de Souza (2008) a respeito do crescimento de um imaginário de medo associado à militarização do espaço urbano em cidades como o Rio de Janeiro. A este respeito, afirma:

Seja como for, o fundamental é que, para além de sua “dificuldade” de um ponto de vista genérico, o planeja-

⁷ Tendo em vista a indisponibilidade no acervo da Biblioteca Nacional, não analisamos *O Dia* nos períodos de 21 a 28/02/2009 e 11-20/03/2009.

⁸ Em artigo anterior, analisamos os cem primeiros dias de 2009 no jornal *O Globo*, componente importante do maior conglomerado de comunicações brasileiro, as Organizações Globo. Fundado em 1925, *O Globo* pactua com o lado mais discriminatório e elitista do “choque de ordem”, exigindo mais ação da prefeitura do Rio de Janeiro no que diz respeito à repressão a camelôs, moradores de rua e outras figuras que compõem o imaginário de medo que vem se desenvolvendo nas grandes cidades contemporâneas, embora essas mesmas figuras sejam também produtos destas cidades e dos modelos de desenvolvimento adotados nas últimas décadas: “A percepção pública da insegurança pode não evoluir, ao menos durante um certo tempo, de maneira totalmente proporcional e coerente com as taxas de crimes violentos (que são tão ‘objetivas’ quanto é permitido pelos filtros classificatórios e problemas como registros parciais e subestimadores do total de ocorrências). Isso acontece, entre outros fatores, porque a mídia, comumente, se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo. O crime rende boas manchetes, o medo do crime vende jornais e encontra ampla audiência – da mesma forma que cada vez mais, o medo do crime rende bons negócios (de carros de passeio blindados a armas, de ‘condomínios exclusivos’ aos serviços de firmas de segurança particular) e promete render votos a candidatos a cargos no Executivo e no Legislativo” (Souza, 2008, p. 30).

⁹ Como se perceberá na análise dos dados, esta confluência e afinidade política predominante, em linhas gerais, se manteve no período pesquisado.

mento urbano desenvolvido pelo Estado tem, no Brasil como em outros países, servido, na maioria das vezes, para tornar mais fácil a vida das elites (enquanto capitalistas e moradores de bairros nobres) e, secundariamente, da classe média. Quanto aos pobres, o Estado, mediante o planejamento, não costuma facilitar-lhes a vida para além da viabilização das condições de sua reprodução e de seu deslocamento na qualidade de vendedores de força de trabalho, ou então sob pressão e consideração estrita de algum cálculo eleitoral. Isso quando os pobres não são, como frequentemente é o caso, nítida e insofismavelmente prejudicados (Souza, 2008, p. 102).

Ainda assim, há diferenças bastante significativas entre esses contextos sociais, pois a carga histórica que constitui as favelas cariocas e outros espaços sociais no Rio de Janeiro é distinta dos cenários de exclusão analisados por autores como Bauman e Wacquant. Porém, notar a existência de uma tendência discursiva que segue um direcionamento que transcende os contextos locais, buscando suas soluções específicas em ideias e políticas públicas geradas em outros contextos, como a “tolerância zero” aplicada pelo ex-prefeito Rudolph Giuliani em Nova York nos anos 1990, demonstra o perigo que as forças globalizantes possuem em tornar hegemônico um pensamento elitista e discriminatório que, a longo prazo, principalmente apoiado por setores conservadores da mídia hegemônica, pode ter efeitos negativos na sociabilidade de um grande centro urbano: “A mesma questão aparece, em termos mais urgentes e dramáticos, na América Latina, onde o estilo policial e penal norte-americano está sendo importado no atacado” (Wacquant, 2008, p. 100).

Mas de que forma as operações relacionadas ao “choque de ordem” foram cobertas nos dois periódicos?

O “choque de ordem” em *O Dia*

Criado em 1951, no contexto de modernização da imprensa carioca, *O Dia* caracterizava-se como um matutino de viés popular, tendo atingido rapidamente a tiragem de 100.000 exemplares diários (Barbosa, 2007, p. 154; Ribeiro, 2000, p. 93). Embora tenha mudado de propriedade e de linha editorial nos anos 1980, mantém-se como um dos principais jornais do Rio de Janeiro,

inclusive no quesito tiragem. Assim como ocorreu com o *Jornal do Brasil* (ver próximo item), *O Dia* passou por uma mudança de formato em anos recentes. A diferença é que esta ocorreu justamente durante o período compreendido em nossa pesquisa: de fevereiro para março, diminuiu de tamanho (área e número de páginas). Reduziram-se também o número de chamadas e fotos na capa. A mudança significou menos matérias e páginas dedicadas ao Rio, o que explica, em parte, a brusca diminuição das matérias sobre o “choque de ordem” em março e abril.

A edição de 02/01 trouxe como manchete “Canetas de Paes começam a mudar o Rio” (*O Dia*, 2009a). Nos primeiros dias de janeiro, as páginas internas destacaram e detalharam medidas tomadas pela nova administração. Em 03/01, novamente a capa chamou a atenção para a atuação do executivo municipal. Em letras menores, a primeira referência – indireta – ao “choque de ordem”: “Tijuca e Zona Sul terão ação contra camelô e flanelinha” (*O Dia*, 2009b). Esta frase antecipa duas das características que dariam o tom da ação da prefeitura e de sua cobertura pela mídia: o foco na *Zona Sul sociológica* e a repressão a trabalhadores informais que utilizam e/ou se apropriam do espaço público para prestar serviços, vender mercadorias e/ou coagir pessoas (caso dos *flanelinhas*, que são guardadores de carros). Sobre a questão da perseguição aos trabalhadores informais sem a contrapartida do Estado de gerar empregabilidade, educação formal e capacitação técnica que possam, a médio e longo prazos, incluir este universo de pessoas no setor formal de trabalho, é preciso ressaltar que:

Em termos gerais, a classe trabalhadora informal global (que se sobrepõe, mas não é idêntica à população favelada) tem quase 1 bilhão de pessoas, e constitui a classe social de crescimento mais rápido a mais sem precedentes da Terra. Desde que o antropólogo Keith Hart, que trabalhava em Acra, criou o conceito de “setor informal”, em 1973, imensa literatura atacou os formidáveis problemas teóricos e empíricos envolvidos no estudo das estratégias de sobrevivência dos novos pobres urbanos (Davis, 2006, p. 178).

Ou seja, a repressão ao trabalhador informal sem a contrapartida apontada anteriormente constitui uma das formas visíveis de criminalização da pobreza, tal como definida por diferentes sociólogos (Bauman, 1998, 2005; Wacquant, 2008), geógrafos (Santos, 2004; Souza, 2008) e outros pesquisadores cujos trabalhos buscam pensar a globalização e a situação política contemporânea a partir

de um olhar e uma fundamentação de cunho crítico. Em obra recente, Marcelo Lopes de Souza afirma:

No Brasil, a “precarização do mundo do trabalho” por conta da “acumulação flexível” e da onda neoliberal chega na década de 90. Ela tem vindo representar nada mais que a agudização de uma problemática crônica, em um país em que o mundo do trabalho foi, para a grande maioria, precário desde sempre, e no qual nunca existiu nada além de um arremedo de welfare state (Souza, 2008, p. 22).

Retomemos a análise do periódico. “Choque de ordem de Paes derruba até prédio no Rio”, estampa a manchete de 6 de janeiro (*O Dia*, 2009c). Pela primeira vez, a política do prefeito atinge o auge da visibilidade: a chamada principal da primeira página. O “choque de ordem” aparece na capa em numerosas edições pesquisadas – raras vezes, contudo, na manchete principal. Na maioria dos casos, recebeu chamadas discretas, às vezes na parte inferior da capa. O subtítulo indica apreço pela *vontade de trabalhar* dos novos administradores: “Equipe do novo prefeito mostra que não está aí para brincar e faz 10 ações pela cidade”. Informam-se também os bairros que estão “na mira da prefeitura”, ou seja, onde se darão as próximas ações: “Botafogo, Glória, Flamengo e Largo do Machado”, todos situados na Zona Sul (*O Dia*, 2009c).¹⁰

Observamos diversas chamadas em segundas-feiras referindo-se a dois temas: praia e Maracanã. Isto pode ser explicado tanto pela importância do futebol e da praia como lazer para milhares de cariocas quanto pela *falta de notícias* que caracteriza os jornais de segunda-feira, produzidos por equipes de plantão reduzidas e sem contar com notícias relativas a diversos assuntos devido ao final de semana, quando estão fechados muitos órgãos públicos e empresas. Neste sentido, as operações do “choque de ordem” unem ambos os aspectos: mostram o poder público em ação (em situações provavelmente divulgadas de forma prévia por assessoria de imprensa) em meio a espaços de lazer importantes: “Copacabana tem novo Choque de Ordem, mas só no calçadão” (*O Dia*, 2009e); “Choque de confusão na Barra” (*O Dia*, 2009f), quando camelôs reagiram à ação da prefeitura e protestaram espalhando barracas e cadeiras de praia na rua, interrompendo o trânsito; “Sem bagunça no Maracanã” (*O Dia*, 2009g), dando conta de repressão a ambulantes e à venda de

bebidas alcoólicas (a prefeitura proibiu a venda de bebidas no entorno do estádio no período a contar de duas horas antes do início dos jogos). A respeito da repressão aos vendedores ambulantes em diversas partes do mundo na atualidade, é interessante ressaltar o comentário irônico, mas acurado de Davis: “Marx provavelmente ficaria chocado se descobrisse como, nos países em desenvolvimento, parte tão grande da massa transbordante não consiste de proletários legais oprimidos, mas de pequenos empresários extralegais oprimidos” (Davis, 2006, p. 179).

Não obstante, *O Dia* caracterizou-se por não limitar suas vozes às autoridades da prefeitura e às pessoas de classe média e alta – moradores dos bairros da *Zona Sul sociológica*. Ouviu e reverberou, em algumas matérias, o ponto de vista dos principais atingidos: os camelôs. Chegou, inclusive, a estampar na capa a chamada “Camelôs fazem passeata contra Choque de Ordem” (30/01) (*O Dia*, 2009h). Via de regra, estas falas aparecem em matérias no interior do jornal, com declarações de camelôs e ambulantes que tiveram produtos apreendidos.

Além de dar voz aos perseguidos, o jornal enfatizou, algumas vezes, medidas ou propostas de caráter não repressivo divulgadas pela prefeitura. Com isso, pode-se perceber que, embora o cerne das ações (e da cobertura midiática das mesmas) seja a repressão, o “choque de ordem” não se resume a isto. Por exemplo, uma capa estampou a chamada “Prefeitura do Rio vai fazer camelô virar empresário” (06/04) (*O Dia*, 2009i). Assim, trata-se de chamar a atenção para a iniciativa, por parte da prefeitura, de legalizar uma parcela dos trabalhadores informais.

Outro ponto a ser ressaltado na análise de *O Dia* é que boa parte das chamadas relativas à prefeitura diz respeito às demais secretarias, com destaque para educação e saúde. Em 10/01, a manchete estampava: “Prefeitura vai construir 10 mil imóveis” (*O Dia*, 2009j). Raras vezes ações de outras secretarias foram enquadradas como “choque de ordem”. Tal foi o caso do anúncio de fiscalização nos coletivos (“Ônibus terão Choque de Ordem”, 09/02) (*O Dia*, 2009k). Contudo, percebemos o uso de expressões ligadas ao campo semântico da *ordem* para descrever situações entendidas como contrárias ao objetivo de *ordenar* a cidade. Quando *O Dia* estampa “Chuva traz de volta a desordem à cidade” (22/01) em sua capa, faz referência não apenas ao “choque de ordem”, mas deixa implícita a ideia de que o mesmo obteve sucesso – ao menos até a chuva provocar “ruas alagadas e trânsito caótico” (*O Dia*, 2009l).

¹⁰ Em páginas internas, *O Dia* destacou o fato de que o “choque de ordem” se restringiu à Zona Sul, deixando de lado as zonas Norte e Oeste (*O Dia*, 2009d).

Por fim, vale ressaltar o número expressivo de cartas de leitores apoiando o “choque de ordem” – há posições críticas, mas, ao menos entre as que são publicadas, aparecem em quantidade muito inferior. Da mesma forma, o jornal apoia as ações repressivas em reportagens, colunas e editoriais.

O “choque de ordem” no *Jornal do Brasil*

Tradicional periódico do Rio de Janeiro, publicado desde 1891, o *Jornal do Brasil* foi importante em diversas mudanças no jornalismo impresso brasileiro ao longo do século XX. Nas últimas décadas, porém, enfrentou problemas de caráter financeiro e teve sua equipe reduzida, perdendo profissionais reconhecidos da área jornalística para outros impressos. Desde 2006, o formato do *JB* diminuiu – no período analisado, contava com número de páginas e cadernos bastante reduzido, se comparado a *O Dia* e *O Globo*.

A cobertura do “choque de ordem” no *JB* se caracteriza como uma espécie de contraponto ao caráter repressivo que o mesmo apresenta em suas diversas ações. Em um primeiro momento, as capas do *JB* apresentam a sucessão municipal e o início dos trabalhos do novo prefeito. O jornal chama a atenção para o fato de que o Rio de Janeiro tem sido marcado por um histórico de violência e informalidade nos últimos anos, ou seja, em administrações anteriores. Neste sentido, retrata acontecimentos violentos que ocorreram na festa de réveillon em Copacabana e mostra como a população – principalmente da *Zona Sul sociológica* – estava esperançosa de que a nova administração fosse capaz de revitalizar o município. Nos primeiros dias, portanto, a apresentação do governo municipal é um dos principais assuntos. Neste sentido, o “choque de ordem” surge mais como um ideal genérico e sem especificações concretas, sendo, porém, uma das principais ideias que norteiam o novo governo, direcionando ideologicamente sua imagem pública.

No dia 02/01, a manchete principal, com foto, anuncia: “Paes toma posse e decreta: (1) Choque de Ordem no município; (2) Auditoria na Cidade da Música; (3) Fim da aprovação automática; (4) Aperto no orçamento da prefeitura” (*Jornal do Brasil*, 2009a). Trata-se do “tema do dia”, e o fato de o “choque de ordem” ser apresentado em primeiro lugar demonstra seu papel fundamental como

pilar da nova administração municipal. A ideia genérica que norteia a prefeitura de Paes é a da revitalização do Rio de Janeiro através do combate à *impunidade* e à *desordem*. Isto nos leva a uma reflexão elaborada por Bauman:

A expressão “lei e ordem”, hoje reduzida a uma promessa de segurança pessoal, transformou-se num argumento categórico de venda, talvez o mais decisivo nos projetos políticos e nas campanhas eleitorais. A exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital medo) (Bauman, 2009, p. 55).

No sábado, dia 03/01, a manchete do jornal é sobre o início do “choque de ordem”, informando as principais ações que serão efetuadas pela prefeitura a partir do dia 05/01 (segunda-feira), como, por exemplo, a demolição de construções irregulares na cidade (*Jornal do Brasil*, 2009b). Em 04/01, domingo, a manchete principal é sobre “Os 100 primeiros dias de Paes”, falando das medidas a serem tomadas e fazendo menção ao “choque de ordem” como razão importante para a esperança dos cidadãos no governo de Paes (*Jornal do Brasil*, 2009c). Até o quarto dia do ano, a ideia do “choque de ordem” é apresentada como algo a ser realizado e fica na esfera do discurso. Não são mostradas ações da prefeitura, mas o planejamento para os próximos meses e anos, sem muita clareza sobre os limites desta ordem (inclusive com relação aos direitos humanos). Em textos internos do jornal – por exemplo, em matéria do dia 1º de janeiro – o Secretário Rodrigo Bethlem é apresentado como “xerife do Rio” e “supersecretário”.

A partir de 06/01, inicia-se um novo estágio da cobertura. As chamadas passam a mencionar operações concretas efetivadas pela prefeitura. Vai se configurando, aos poucos, um debate sobre os limites destas operações e sobre a importância de uma discussão mais ampla com a sociedade a respeito do que vem a ser esta “ordem” tão desejada. Neste dia, a manchete, com foto, afirma: “Choque de Ordem derruba 34 imóveis” (*Jornal do Brasil*, 2009d). O tom do texto de capa é positivo, concordando com o fato de que se devem coibir repressivamente as ilegalidades do espaço urbano.

Porém, as chamadas, fotos e textos de capa do *JB* nem sempre concordam com os procedimentos da prefeitura e estabelecem uma leitura crítica do “choque de ordem”, discutindo as atitudes do Poder Público. Já no dia seguinte, por exemplo, há duas menções ao “choque de

ordem”: (a) chamada com três fotos relacionada à atuação da prefeitura no dia anterior, direcionada a outdoors irregulares; e (b) “Caça-níqueis ainda livres”, cujo subtítulo afirma que o “Choque de Ordem não chega aos muitos locais onde funcionam as maquininhas de azar”. Estas duas manchetes sintetizam a cobertura do *JB* direcionada ao “choque de ordem”: enquanto a primeira reflete uma diversificação dos assuntos relacionados à atuação da prefeitura, que não somente demole construções irregulares e apreende mercadorias ilícitas, mas também atua com relação ao trânsito e a outros aspectos da cidade, a segunda chamada aponta na direção de denúncias que cobram da administração uma ordenação com relação a assuntos que estejam pendentes e afetem de alguma forma a população.

No dia 11/01, inclusive, é iniciada uma nova seção diária no *JB*: “Sociedade Aberta”¹¹, em que políticos, sociólogos, professores universitários, historiadores, etc. discutem assuntos importantes e atuais para a cidade do Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*, 2009e). Logo na primeira edição, Eduardo Paes escreve a respeito de seus primeiros dias como prefeito: “No início do governo, um olhar para o futuro e o choque de ordem”. Assim, ao longo dos dias analisados nesta pesquisa, diferentes visões foram apresentadas na coluna, concordando ou discordando de ações da prefeitura – em muitos casos, relacionadas ao “choque de ordem”. No dia 03/02, curiosamente, um professor de história chamado Eduardo Paz (nome homônimo ao do prefeito) assina um artigo cujo título é: “O afã de segurança não deve permitir arroubos de repressão”, fazendo um contraponto nítido ao ideal de uma ordem repressiva (Paz, 2009).

Outra característica do *JB* é não valorizar demais o ideal genérico do “choque de ordem”. Entre os dias 15 e 18 de janeiro, por exemplo, não há menção a operações e assuntos relacionados ao “choque de ordem” na capa, de modo que o jornal por vezes apresenta uma sequência de alguns dias sem destacar o tema. Em certos casos, inclusive, fala de assuntos relacionados indiretamente à questão, como violência urbana, sem citar o termo ou enfatizar as operações da prefeitura a este respeito. Neste sentido, o diário minimiza o ideal de ordem repressiva desvinculando certas medidas da prefeitura do “choque de ordem”. Por exemplo: a “Lei Seca” aplicada no entorno do Maracanã, noticiada na capa do dia 26/01, é apresentada como algo que divide os torcedores, além de não ser uma medida planejada pela prefeitura originalmente, mas aplicada por esta no sentido de adequar o Maracanã às normas da FIFA.

O *JB* também aponta falhas da prefeitura, como no dia 25/01, em que há uma manchete (“A desordem mora ao lado”) indicando que existe desordem ao lado de delegacias e outros edifícios do Poder Público (*Jornal do Brasil*, 2009f). A ironia, por vezes, é utilizada, como no título da manchete principal de 18/02, “Choque de desordem”, que aponta o despreparo da prefeitura para lidar com um acidente que parou o trânsito em algumas das principais vias da *Zona Sul sociológica* do Rio de Janeiro durante horas (*Jornal do Brasil*, 2009g).

Em fevereiro, o tom das matérias de capa começa a mostrar resultados das atividades da Operação Choque de Ordem e que esta deve continuar sem tréguas. Porém, com a proximidade do carnaval, há diversos dias em que não há menção ao assunto. Muitas das referências a ele, por outro lado, relacionam-se às atividades da prefeitura no sentido de ordenar o carnaval de rua, impondo certas restrições e exigindo organização prévia dos blocos que pretendem desfilar. Há ainda matérias que procuram discutir os malefícios sociais causados por uma exacerbação do medo através de políticas públicas repressivas e de um direcionamento ideológico e discursivo que exalta o medo e a violência cidadinos. No dia 08/02, por exemplo, a manchete principal, intitulada “O Rio que vence o medo”, apresenta atividades de cariocas no contexto urbano cuja vida não se rende à paranoica criminalização da pobreza e evitamento dos espaços públicos (*Jornal do Brasil*, 2009h). Na chamada da matéria, lê-se: “Especialistas reconhecem as ameaças presentes no Rio, mas criticam a exacerbação do medo e apontam suas consequências”.

A este respeito, Marcelo Lopes de Souza aborda questões sobre a sensação de medo em muitas das metrópoles contemporâneas, incluindo Rio de Janeiro e São Paulo:

Depois de algumas décadas, como no caso das duas maiores metrópoles brasileiras, o medo parece já se ter enraizado inclusive na psicologia coletiva, provocando consequências comportamentais diversas, até mesmo psicopatológicas. Uma fobópole é uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança (Souza, 2008, p. 40).

Na segunda-feira, 16/02, a capa anuncia: “Operação muda o som da Barra” (*Jornal do Brasil*, 2009i).

¹¹ Esta seção costumava ter três ou quatro artigos por dia, com chamada na capa.

Segundo o texto, “O Choque de Ordem da prefeitura do Rio chegou aos bares e boates da Barra, na maior intervenção noturna desde a posse de Eduardo Paes”. A matéria informa que cinco estabelecimentos comerciais que atendem às classes média e alta foram fiscalizados, o que permite contestar a ideia de um “choque de ordem” somente direcionado à criminalização da pobreza. O *JB* denuncia irregularidades como a de quiosques na orla de Copacabana que estocam de forma ilegal seus produtos (19/02) e de hotéis de luxo que utilizam o espaço público das calçadas para estacionar carros de hóspedes, o que é proibido (13/03), além de motos paradas de modo irregular também na rua da Quitanda, no Centro do Rio (11/02). Nestes casos, o jornal faz questão de, no dia seguinte, indicar na capa que a atuação da prefeitura ocorreu após a denúncia do *JB*.

Março e abril seguem o padrão apresentado até então. Neste período, o *JB* chega a publicar mais de dez edições sem menção direta ao “choque de ordem” em suas capas.

Considerações finais: o “choque de ordem” na ordem do dia

Embora a comparação sistematizada das coberturas não seja o objetivo deste artigo, cremos ser possível apontar algumas tendências observadas. *O Dia* enfatizou a contribuição do “choque de ordem” para liberar o trânsito nas calçadas, retirando camelôs, mesas, cadeiras, carros e motos que atrapalham a circulação de pedestres. O mesmo foi feito pelo *JB*.

Além disso, outro ponto a ser destacado foi a denúncia de *O Dia* sobre a situação enfrentada pelo secretário de Ordem Pública: “Xerife do Choque de Ordem do Rio reage a ameaças”, estampava a manchete principal em 7 de fevereiro (*O Dia*, 2009m). Logo abaixo, informava que o secretário de Ordem Pública, Rodrigo Bethlem, “roda em carro blindado e com seguranças”. Não houve nenhum tipo de menção ao assunto no *JB*.

Outra diferença relevante entre os veículos foi o destaque dado por *O Dia* a um caso particular: o garoto L.

e sua cadela chamada Pretinha. Uma operação “choque de ordem” recolheu o garoto a um abrigo e a cadela perseguiu o furgão que o levava, latindo e arranhando a lataria. O episódio provocou comoção entre os leitores, que escreveram cartas criticando a insensibilidade da prefeitura – houve também quem afirmasse que tais crianças são assaltantes violentos e, portanto, indignas de compaixão. Em 09/01, foi publicada na parte inferior da capa, a chamada “Cadê Pretinha e seu dono?”, noticiando a campanha feita por um aposentado para mobilizar as pessoas e descobrir o paradeiro de ambos (*O Dia*, 2009n). Um dia depois, na parte interna, noticiava-se que o menino fugira do abrigo para tentar encontrar seu animal de estimação. Uma foto mostrava-o dormindo sobre um banco de praça, com a cadela ao chão (Pinheiro, 2009, p. 3). Anunciou-se com estardalhaço a concessão de uma bolsa e a possibilidade de obter abrigo e ensino profissionalizante na Vila Olímpica e na Associação de Moradores da Mangueira (13/01). A capa de 14/01 anunciou “Vida nova para a dupla”, informando que o menino aceitara a proposta (*O Dia*, 2009o). Não houve casos com este tipo de desdobramento no *JB*, embora uma matéria envolvendo demolição de habitações populares utilizadas para consumo e venda de drogas mostrasse uma criança que morava na região chorando devido à destruição de sua casa. A foto é impactante e foi publicada em 09/04. Apesar de então possuir poucos recursos se comparado a *O Dia* e *O Globo*, o *JB* apresentou criatividade e um tom humanitário em algumas capas.

A análise destes dois diários (somada à de *O Globo* operada em artigo já citado) aponta para uma discussão mais ampla sobre o fazer jornalístico, em que fatos, acontecimentos midiáticos e a forma-notícia¹², apesar de determinados critérios técnicos e direcionamentos mercadológicos comuns (pois estamos falando de jornalismo massivo nos três casos), não estão reduzidos a uma suposta homogeneidade informacional. Não somente a escolha temática, mas também o tratamento das notícias é bastante variado nos jornais citados acima com relação ao mesmo assunto no mesmo período temporal. Assim, o jornalismo é feito de escolhas humanas, e as tomadas decisórias apresentam politicamente perfis que nem sempre se enquadram no estereótipo de uma “criminalização da pobreza” generalizada. Esta discussão, que se pretende aprofundar em trabalhos futuros, destaca o caráter variado dos jornais em questão e as possibilidades discursivas que, se estão diretamente baseadas no real-histórico da cidade

¹² Sobre a discussão dos elementos que compõem o jornalismo, tais como “fatos”, “acontecimentos midiáticos” e “forma-notícia”, ver Sodré (2009, p. 19-135).

do Rio de Janeiro, ajudam a construir, por sua vez, um Rio de Janeiro simbólico todos os dias nas bancas de jornais. Como afirma Sodré, “o ‘mundo’ do jornal está ao mesmo tempo no real-histórico e na construção linguística, típica da corporação profissional dos jornalistas, das notícias” (Sodré, 2009, p. 97).

Portanto, mais ou menos pautados pelos aspectos sensíveis do dia a dia urbano, pela objetividade referente à urgência dos acontecimentos e seus efeitos para o cidadão ou pelas relações de poder envolvidas na construção da notícia, o imaginário de uma cidade é reforçado pela cobertura midiática que se faz de determinados eventos. A noção de “ordem” em uma economia de caráter global cada vez mais desregulamentada e privatizada (Bauman, 1998) suscita uma busca por ordenamento do espaço e da vida sociais que estigmatiza a pobreza como algo a ser evitado. No Rio de Janeiro, durante os mais de três meses pesquisados, o “choque de ordem” da prefeitura esteve na ordem do dia em três de seus principais veículos de comunicação impressa.

Referências

- BARBOSA, M. 2007. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 264 p.
- BAUMAN, Z. 1998. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 276 p.
- BAUMAN, Z. 1999. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 148 p.
- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 260 p.
- BAUMAN, Z. 2005. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 176 p.
- BAUMAN, Z. 2009. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 94 p.
- DAVIS, M. 2006. *Planeta favela*. São Paulo, Boitempo Ed., 272 p.
- O DIA. 2009a. Canetadas de Paes começam a mudar o Rio. Rio de Janeiro, 2 jan., p. 1.
- O DIA. 2009b. Tijuca e Zona Sul terão ação contra camelô e flanelinha. Rio de Janeiro, 3 jan., p. 1.
- O DIA. 2009c. Choque de ordem de Paes derruba até prédio no Rio. Rio de Janeiro, 6 jan., p. 1.
- O DIA. 2009d. Sem título. Rio de Janeiro, 11 jan., p. 10.
- O DIA. 2009e. Copacabana tem novo Choque de Ordem, mas só no calçadão. Rio de Janeiro, 19 jan., p. 1.
- O DIA. 2009f. Choque de confusão na Barra. Rio de Janeiro, 20 jan., p. 1.
- O DIA. 2009g. Sem bagunça no Maracanã. Rio de Janeiro, 26 jan., p. 1.
- O DIA. 2009h. Camelôs fazem passeata contra Choque de Ordem. Rio de Janeiro, 30 jan., p. 1.
- O DIA. 2009i. Prefeitura do Rio vai fazer camelô virar empresário. Rio de Janeiro, 6 abr., p. 1.
- O DIA. 2009j. Prefeitura vai construir 10 mil imóveis. Rio de Janeiro, 10 jan., p. 1.
- O DIA. 2009k. Ônibus terão Choque de Ordem. Rio de Janeiro, 9 fev., p. 1.
- O DIA. 2009l. Chuva traz de volta a desordem à cidade. Rio de Janeiro, 22 jan., p. 1.
- O DIA. 2009m. Xerife do Choque de Ordem do Rio reage a ameaças. Rio de Janeiro, 7 fev., p. 1.
- O DIA. 2009n. Cadê Pretinha e seu dono?. Rio de Janeiro, 9 jan., p. 1.
- O DIA. 2009o. Vida nova para a dupla. Rio de Janeiro, 14 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009a. Paes toma posse e decreta. Rio de Janeiro, 2 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009b. Sem título. Rio de Janeiro, 3 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009c. Os 100 primeiros dias de Paes. Rio de Janeiro, 4 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009d. Choque de Ordem derruba 34 imóveis. Rio de Janeiro, 6 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009e. Sociedade aberta. Rio de Janeiro, 11 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009f. A desordem mora ao lado. Rio de Janeiro, 25 jan., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009g. Choque de desordem. Rio de Janeiro, 18 fev., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009h. O Rio que vence o medo. Rio de Janeiro, 8 fev., p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. 2009i. Operação muda o som da Barra. Rio de Janeiro, 16 fev., p. 1.
- LAIGNIER, P.; FORTES, R. 2010. A criminalização da pobreza sob o signo do “Choque de Ordem”: uma análise dos cem primeiros dias do governo Eduardo Paes a partir das capas de O Globo. *Comunicação & Sociedade*, 31(53):53-78.
- PAZ, E. 2009. O afã de segurança não deve permitir arroubos de repressão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 fev.
- PINHEIRO, A. 2009. Amigos para sempre. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 3, 10 jan.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. 2010a. Bairros Cariocas. Armazém de Dados. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_ra.htm. Acesso em 21/08/2013.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. 2010b. Ranking Regiões Administrativas. Armazém de Dados. Disponível em:

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mostra_ranking_ra.php?Cod_Tema=1055&area=06. Acesso em: 21/08/2013.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. 2010c. Rendimento médio oriundo do trabalho por Região Administrativa (em R\$ de 2000) – 2000 (tabela). Armazém de Dados. Disponível em: http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/878_rendimento%20m%C3%A9dio%20oriundo%20do%20trabalho.XLS. Acesso em: 21/08/2013.

RIBEIRO, A.P.G. 2000. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 362 p.

SANTOS, M. 2004. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 176 p.

SODRÉ, M. 2009. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Ed. Vozes, 288 p.

SOUZA, M.L. de. 2008. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 288 p.

WACQUANT, L. 2008. *As duas faces do gueto*. São Paulo, Boitempo Ed., 160 p.

Submetido: 24/07/2012

Aceito: 26/11/2012